

ENTRE O PEDIDO E O RECEBIDO

MICHELLE FERREIRA MAIA

RESUMO

Este artigo é direcionado a analisar os lugares da devoção popular a João das Pedras: a igreja Matriz de São Benedito, Ceará e o cemitério. Analiso como é vivenciado pelos devotos o processo que se estende desde a feitura da promessa ao pagamento desta. Um ritual de fé particular que percorre o coletivo e chega até aqueles que desacreditam no poder milagroso do ladrão que morreu eletrocutado em 04 de Abril de 1978. Problematizar os *fazeres* dos devotos é compreender que a materialidade da fé se concretiza na relação cotidiana de cada devoto diante do “santo popular” concessor de graças.

Palavras-Chaves

Memórias, fé, promessas

Between the request and received

Abstract

This article is intended to examine the places of popular devotion to John Stones: the parish church of St. Benedict, Ceará and the cemetery. I analyze how the process experienced by the devotees that extends from the making of the promise to pay this. A particular ritual of faith that runs through the collective and reaches those who disbelieve in the miraculous power of the robber who was electrocuted in April 4th 1978. Question the doings of the devotee is to realize that the materiality of faith is actualized in the daily relations of every devotee before the "holy people " lender of thanks.

Keywords

Memories – faith – promises.

Maria das Pedras admite-nos a falta de hábito de mandar celebrar intenções de missas a João das Pedras. Uma conduta incomum para uma parenta tão próxima do falecido:

Eu não vou negar. Quem celebra é o pessoal. O pessoal manda celebrar e me dizem, né, que mandam. [...] o finado João, o pessoal faz voto com a alma dele, aí alcançam as graças que pede e manda celebrar a missa [...]. Nós tem assistido muita missa nessa igreja (igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) aqui dele. É de vez em quando!

¹ GOMES, Maria Ferreira. Casada. Aposentada. 64 anos. Nascida no dia 30/03/1930. Entrevistas realizadas nos dias 01/06/2003 e 03/07/2007 na atual residência, no bairro do Corrente, também em São Benedito.

João não recebe celebração de sua mãe. O desvelo da genitora com a alma do primogênito, para um olhar de estrangeiro, pode soar como desleixo. Em parte, sua atitude é encaminhada pela certeza de que a alma do filho já é celebrada por outros: os seus devotos. As orações que a velha senhora lhe destina são proferidas num reduto particular, quando de olhos fechados, no escuro de seu quarto, secretamente são feitas: nem o esposo Expedito, que repousa ao lado, percebe. Discrição procedente da necessidade de estar só com sua contemplação religiosa. Os votos pedidos e dedicados devem ser proferidos sem interrupção para assegurar que sejam plenamente ouvidos e atendidos. O teto de telha é a única testemunha do balbuciar de seus padres-nossos e ave-marias: direcionados, dedicados ao caminho de seus mortos e vivos. Maria é seguidora do dito popular que diz: “Não saiba a esquerda o que faz a direita”.

Sua presença é marcante no fim da tarde, de frente ao alpendre na calçada de casa, conversando com vizinhas ou com a filha Maria do Carmo, que mora na esquina de sua rua. Não frequenta muito os arredores da cidade. Sua saída é marcada pela necessidade de ir receber a aposentadoria a cada início de mês. O dinheiro ganho é o responsável pelas compras mensais. A *mistura*, como se refere ao frango, à ossada de boi, à carne de sol ou porco, e outros condimentos, geralmente, são comprados para consumo no mesmo dia, visto não possuir refrigerador. Além disso, o saboreio de tais iguarias é um luxo permitido somente após o saldo das contas, entre elas as “dívidas”², a exemplo do empréstimo bancário feito para a construção de sua atual residência no bairro do Corrente.

Maria, hoje, é a avó de vários netos. A casa torna-se pequena. Na sala, somente uma mesa de madeira e em cima uma TV preto e branco de dez polegadas, aparelho que pertence aos inícios da década de 1960. Os tamboretos servem de assento ao visitante. Na parede todos os santos em calendários, e agora também todos os filhos e netos em suas fotografias que a enfeitam. João das Pedras ali agora está. Um devoto, o senhor Tomaz Bezerra, pediu o monóculo que Maria possui para ampliar a fotografia de João das Pedras e colocar em seu túmulo. O senhor presenteou a mãe de João das Pedras com uma fotografia de 10 por 15 centímetros, emoldurada pelo porta-retrato no fim do ano de 2007.

A simplicidade dos cômodos é notada pela falta de objetos. Talvez Maria não careça de sua presença e pertencimento, ou já tenha se acostumado com o pouco, quem sabe não tem interesse de ter mais. Das vezes que lá estive, nunca a ouvi se maldizendo de sua realidade atual. Da sala, o corredor leva aos dois

² As dívidas são em suma os pagamentos de água e luz, mercearia, açougue, farmácia, entre outras.

últimos cômodos: a cozinha e o quarto. A primeira segue o padrão da sala, o espaço é maior pela falta de objetos, apenas uma mesa segura os pratos e colheres. Em cima, na parede, as latas de leite servem para guardar o arroz, açúcar e feijão, farinha. No chão, mais tamboretas. E um pote e os canecos de alumínio presos nos pregos da parede. No fim do espaço, o fogão a lenha com suas panelas escurecidas pelo fogo. Não fui convidada a conhecer o quarto. No fim, o quintal e as madeiras presas. O combustível de seu fogão quase esconde a entrada do banheiro. Essa é casa de Maria.

Outra saída realizada pela mãe de João é quando vai ao Sítio Pimenteira, onde anteriormente residia, visitar suas filhas Maria das Graças e Antonia. Suas pernas parecem preferir o sossego de receber visitas a ter que visitar. Não visita com assiduidade a igreja Matriz de São Benedito. E, quando pode, junta-se a outros que possuem o mesmo comportamento. A visitação à igreja é rara. Limitando-se a uma ou duas vezes por mês, quando vai ao templo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que assiste os fiéis do bairro do Corrente, localizada próximo a sua casa. Esta igreja é um pequeno e novo reduto de oração, se comparado ao templo maior da cidade.

A igreja de São Benedito é a igreja maior. É o templo primeiro erigido em São Benedito servindo de casa de oração. Os fragmentos da taipa que antes a revolviam foram substituídos por uma capela revestida de pedra e cal, coberta por telhas: templo de maior capacidade física para os fiéis da cidade dos anos de 1841, segundo Brandão. (BRANDÃO, 2002. p. 25). O templo de hoje sepultou as ruínas e a memória da velha casa de taipa que antes abrigara sobre um altar de pedra a imagem do santo de devoção do índio Jacó, São Benedito³. (BRANDÃO, p. 24).

Uma vez lapidada pelas (re)formas arquiteturais, a igreja Matriz persevera no presente, aludindo a uma necessidade de adequação do templo às exigências dos tempos modernos. As acomodações e o conforto de seus usuários, os fiéis, se configuram como os principais argumentos do (re)fazer inacabado em que as obras são custeadas por uma parcimônia entre os leigos e o clero de São Benedito, com a arrecadação do dízimo e outras doações.

³ A primeira imagem de São Benedito teria sido trazida pelo índio Jacó de Sousa Castro. Um índio catequizado pelos frades franciscanos, vindos de Pernambuco, acompanhando alguns jesuítas para o Ceará. Segundo Brandão, a devoção ao santo, como a própria nomeação da cidade, faz referência à estima sentida pelo índio Jacó: “O nome ‘São Benedito’, ainda conservado pela sua antiguidade, vem da devoção consagrada a esse santo pelo índio Jacó, que o festejava anualmente em sua cabana em local onde hoje faz parte sua Igreja matriz, no perímetro urbano da cidade”

A secretaria é, a propósito, uma dessas constantes (re)modelações idealizadas pelo padre Antonio⁴. O espaço retangular impõe ao observador a impressão de ter sido construído com o propósito de acolher e servir com modernidade quem por sua porta entrar. Suas instalações estão divididas em duas salas-escritórios, uma copa, dois banheiros e, logo na entrada, pela sala principal.

O visitante, ao entrar, sente-se acolhido pelos olhos ternos da imagem de Nossa Senhora de Fátima. É ela, pois, a santa dos três pastorinhos, quem tributa as honras da casa santa, abençoando a todos. Com suas mãos postas sobre um terço, a santa, exposta no alto da parede, é apresentada sobreposta no calendário que informa a planta do futuro santuário de Fátima, em construção em São Benedito⁵. Logo acima da imagem da santa, na parede verde, estão postas as fotografias emolduradas dos 14 vigários que passaram pela paróquia ao longo de sua formação.

Ao vislumbrar os objetos da sala principal, o fiel avista uma mesa de madeira revolvida pelo tom caramelo esmaltado. Um armário embutido se junta ao quadro de poucos móveis, a compor a aparência do ambiente. O armário vestido pelo marfim envernizado e pelas duas fechaduras que anunciam sua abertura. Em seu interior, as quatro prateleiras seguram horizontalmente os grossos livros de batismo referentes a vários decênios.

Em uma das prateleiras, quatro agendas, posicionadas uma sobre a outra, parecem disputar espaço com os grossos livros. Agendas referentes aos anos de 2003, 2004, 2005 e 2006. Ainda estão *guardadas* como se tivessem a reclamar um lugar, no presente, mesmo quando o seu valor de uso foi perdido, já que não servem mais para suas respectivas funções: as de agendar, marcar.

De cor bege, as agendas trazem na capa o título *Dia-a-Dia Paroquial*. Diferenciam-se das agendas comuns também pela logomarca que trazem em seu verso: são da Ordem Vicentina. A cada fim de ano, a paróquia recebe de São

⁴ No livro de Stella Furtado, há uma síntese da trajetória do padre Antonio, 14º vigário da paróquia de São Benedito: “É filho de José Irineu Filho e de Maria do Carmo Martins Irineu. Nasceu a 13 de Março de 1961, na cidade de Barra do Corda, estado do Maranhão. [...] Em 1986, entrou para o Seminário da Ordem dos Agostinianos Recoletos, na cidade de Franca, no estado de São Paulo, onde cursou três anos de Filosofia. Em 1985, entrou para o noviciado em Castelo, no estado do Espírito Santo, onde fez os primeiros votos na ordem dos Agostinianos Recoletos, em 1º de janeiro de 1987 [...]. No final do ano de 1991, foi convidado por dom Javier, recém-eleito bispo de Tianguá, para fazer uma experiência aqui no Ceará [...]. A 6 de outubro de 1992, recebeu a ordenação diaconal na catedral de Santana-Tianguá, por dom Javier. Ordenação Presbiteral a 10 de julho de 1993 na igreja de N. Sra. do Perpétuo Socorro em Taguatinga-DF, também por dom Javier. Voltando a Tianguá foi nomeado pároco de São Benedito” (FURTADO, 2005. p. 167).

⁵ Desde 2004 teve início em São Benedito uma campanha arrecadando fundos para a construção do santuário de Nossa Senhora de Fátima. Localizado no bairro do Chora, a construção segue em andamento. Obra que teve como principal articulador o padre Antonio Martins Irineu, que presidiu a paróquia de São Benedito desde 15 de Agosto de 1993 a abril de 2005.

Paulo outra para substituir a do ano que finda. Num formato retangular, apresenta no início de cada mês um versículo bíblico. Não é possível encontrá-la em papelarias, sugerindo ser um artigo exclusivo para uso das paróquias⁶.

Mesmo dispondo de um sistema computadorizado, algumas funções ainda permanecem fazendo uso da escrita: são as marcações de intenções feitas por Fransquinha, Maria Helena ou Edvar, os três mais antigos funcionários da secretaria.

Trabalhos burocráticos são ali, na sala principal, desenvolvidos. É na secretaria paroquial que é informado o calendário das celebrações de missas, adorações ao Santíssimo. Espaço no qual são agendados muitos dos sacramentos de batismo, crisma, casamento. Sacramentos isentos de taxa⁷. Ali os dízimos são recebidos, as intenções em ação de graças aos vivos ou as intenções aos mortos são rendidas. Dois reais é o valor de cada intenção. Admite Helena, funcionária paroquial, que esta é uma quantia inferior à de R\$ 35,00 reais, ditada pela diocese com sede em Tianguá, Ceará, para a espórtula: [...] a intenção aqui não é cobrada, no caso a espórtula. É cobrada uma taxa de dois reais. Mas não é a espórtula, a espórtula de uma missa é trinta reais, né, em toda a diocese. Então aqui só é cobrada uma taxa de dois reais⁸.

Espórtula significa na definição do dicionário “esmola, gratificação, gorjeta. Gratificação em dinheiro dada ao sacerdote quando no exercício de suas funções (casamento, batizado etc.)” (ROCHA, 1996). Na paróquia, a espórtula significa uma celebração particular. A quantia de trinta e cinco reais é o preço da dedicação exclusiva do sacerdote. A característica da celebração em que é paga a espórtula reside na observação de que no instante da homilia o nome de ação de graças ao fulano ou ao defunto é proferido de forma única, sem a presença de outros, como ocorre nas intenções de dois reais. A exclusividade, para os fiéis pobres ou não, nem sempre é tão priorizada, seja por suas posses ou por crer que o que importa de fato é alimentar a alma ou trazer luz e prosperidade para a vida terrena.

Página por página, mês a mês, ano a ano, em meio aos nomes dos falecidos a quem são rendidas as intenções, o nome de um morto, em particular, João Ferreira Gomes, conhecido por João das Pedras, impõe-se de forma mais contínua. João é celebrado na igreja pelas intenções:

⁶ No anexo II apresento fotografadas três páginas de distintos anos das agendas.

⁷ As taxas não são cobradas por conta da “implantação do dízimo, a paróquia isentou as taxas de batizados, casamentos e certidões de batismo” (FURTADO, op. cit. p.169).

⁸ SANTOS, Maria Helena Sousa dos. 29 anos. Casada. Secretária da Paróquia desde Março de 1999. Residente no bairro Cidade Alta, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/11/2007, na Secretaria Paroquial.

Figura 1

Ano 2003			
Nome	Data/Dia da Semana/ Hora		
João de Deus	12 de Janeiro.	Domingo.	07:00
João de Deus	02 de Maio.	Sexta.	07:00
João de Deus	20 de Maio.	Terça.	06:45
João Ferreira Gomes	03 de Julho.	Quinta.	21:00
João das Pedras	16 de Julho.	Quarta.	19:00
João Ferreira Gomes	17 de Julho.	Quinta.	19:00
João Ferreira Gomes	01 de Agosto.	Sexta.	18:00
João Ferreira Gomes	12 de Agosto.	Terça.	06:45
João Ferreira Gomes	21 de Agosto.	Quinta.	21:00
João Ferreira Gomes	01 de Outubro.	Quarta.	19:00
João Ferreira Gomes	03 de Outubro.	Sexta.	07:00
João Ferreira Gomes	14 de Outubro.	Terça.	06:45
João Ferreira Gomes	15 de Outubro.	Quarta.	06:45
João Ferreira Gomes	26 de Outubro.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	01 de Novembro.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	20 de Novembro.	Quinta.	06:45
João Ferreira Gomes	08 de Dezembro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	16 de Dezembro.	Terça.	18:00
João Ferreira Gomes	25 de Dezembro.	Quinta.	07:00

Figura 2

Ano 2004			
João Ferreira Gomes	04 de Janeiro.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	17 de Janeiro.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	09 de Fevereiro.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	03 de Abril.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	04 de Abril.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	24 de Maio.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	30 de Maio.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	08 de Julho.	Quinta.	21:00

João Ferreira Gomes	12 de Julho.	Segunda.	19:00
João Ferreira Gomes	18 de Julho.	Domingo.	09:00
João de Deus	05 de Agosto.	Quinta.	–
João de Deus	09 de Agosto.	Segunda.	09:00
João de Deus	13 de Agosto.	Sexta.	19:00
João Ferreira Gomes	23 de Agosto.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	30 de Agosto.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	05 de Setembro.	Segunda.	09:00
João de Deus	28 de Setembro.	Terça.	19:00
João Ferreira Gomes (2 intenções)		08 de Outubro.	
João Ferreira Gomes	10 de Outubro.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	16 de Outubro.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	13 de Novembro.	Domingo.	–
João Ferreira Gomes	05 de Dezembro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes (2 intenções)		11 de Dezembro.	
João Ferreira Gomes	28 de Dezembro.	Terça.	07:00
João Ferreira Gomes	31 de Dezembro.	Sexta.	07:00

Figura 3

Ano de 2005			
João Ferreira Gomes	02 de Janeiro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	10 de Janeiro.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	14 de Janeiro.	Sexta.	07:00
João Ferreira Gomes	15 de Janeiro.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	02 de Fevereiro.	Quarta.	18:00
João das Pedras	26 de Fevereiro.	Sábado.	19:00
João de Deus	27 de Fevereiro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	05 de Março.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	10 de Março.	Quinta.	18:30
João Ferreira Gomes	14 de Maio.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	07 de Junho (Missa no Santuário).	Terça.	
João Ferreira Gomes	09 de Julho.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	23 de Julho.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	27 de Julho.	Quarta.	07:00
João Ferreira Gomes (2intenções)		06 de Agosto.	
João Ferreira Gomes	07 de Agosto.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	08 de Agosto.	Segunda.	-
João de Deus	13 de Setembro.	Terça.	07:00

João Ferreira Gomes	25 de Setembro.	Domingo.	17:00
João Ferreira Gomes	03 de Dezembro.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	13 de Dezembro.	Terça.	12:00
João Ferreira Gomes	25 de Dezembro.	Domingo.	09:00

Figura 4

Ano de 2006			
João Ferreira Gomes	06 de Janeiro.	Sexta.	07:00
João Ferreira Gomes	07 de Janeiro.	Sábado.	07:00
João Ferreira Gomes	08 de Janeiro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	18 de Janeiro.	Quarta.	18:00
João Ferreira Gomes	29 de Janeiro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	19 de Fevereiro.	Domingo.	07:00
João de Deus	21 de Fevereiro.	Terça.	07:00
João Ferreira Gomes	05 de Março.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	09 de Abril.	Domingo.	09:00
João de Deus	12 de Abril.	Quarta.	07:00
João Ferreira Gomes	16 de Abril.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	12 de Maio.	Sexta.	17:00
João Ferreira Gomes	30 de Maio.	Terça.	07:00
João Ferreira Gomes	13 de Junho.	Terça.	07:00
João de Deus	02 de Julho.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	15 de Julho.	Sábado.	19:00
João de Deus	23 de Julho.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	05 de Agosto.	Sábado	–
João das Pedras	09 de Setembro.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	07 de Outubro.	Sábado.	19:00
João das Pedras	13 de Outubro.	Sexta	07:00
João Ferreira Gomes	12 de Novembro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	16 de Novembro.	Quinta.	19:00
João Ferreira Gomes	22 de Novembro.	Quarta.	09:00
João das Pedras	03 de Dezembro.	Domingo.	09:00

OBS.: não tinha horário descrito nas agendas⁹.

⁹ Acredito que a presença das intenções tendo uma seqüência presente desde o ano de 2003, seguindo aos anos de 2004, 2005 e 2006, não é limitada apenas a estes respectivos anos. No entanto, é exclusivamente nesse período que nos é possível elucidar sua descrição. Uma análise que é mediada, por sua vez, pela fonte documental aqui apresentada: as agendas de marcações. As outras intenções rabiscadas em outras agendas foram desembocar no lixo do esquecimento.

As intenções grafadas estão sobre o papel de pauta dupla, distinguindo-se pelas três formas em que são inscritas: *João de Deus*, *João das Pedras* e *João Ferreira Gomes*. A trindade, que não é a santíssima, apresenta o mesmo sujeito perante as homilias: o ladrão e o santo João. Inscreve-se, nas agendas, o nome do *destinatário* e não o de seu *emissor*.

Em São Benedito a diferenciação, em relação aos “sobrenomes” de João, surgiu como uma política de “conscientização” incitada pelos funcionários da paróquia, comentou Maria Helena Sousa dos Santos:

Michelle: Quando você começou a trabalhar aqui, já tinha alguma marcação de intenção ao João das Pedras?

Helena: Já tinha.

Michelle: Como é que as pessoas chegam aqui para agendar? Elas dizem o nome que é para ser agendado ou são vocês que determinam? Como é o processo?

Helena: Antes, sempre quando alguém chegava para colocar intenção, aí dizia:

- Eu queria marcar uma intenção para a alma do João das Pedras.

Uma graça alcançada que eles teriam conseguido. Então, com o passar do tempo, quando chegou o frei Marcos aqui na paróquia, ele ficou curioso de saber quem era esse João das Pedras. Mas até aí era só João das Pedras, chamavam João das Pedras. Aí [...] a gente foi atrás de saber realmente como era o nome dele para poder colocar a intenção. Porque ele achou curioso João das Pedras, mas aí é bom colocar na pessoa dele, a intenção no nome dele. Aí ficou certo: João Ferreira Gomes. A gente foi atrás da família, saber o nome correto dele para poder colocar a intenção. A partir daí, a gente foi trabalhando a questão de conscientização. A pessoa vinha:

- Eu queria marcar uma missa para o João das Pedras.

A gente falava:

- O nome dele é João Ferreira Gomes.

- Pode colocar?

- Pode, porque é a mesma pessoa.

Mas as pessoas não sabiam o nome correto dele. Só conheciam por nome de João das Pedras, eles não tinham consciência do nome correto dele. A partir daí, foi que agora eles já falam o nome correto: João Ferreira Gomes.

Michelle: Geralmente, quando as pessoas vêm marcar, o que elas dizem?

Helena: Dizem que foram se valer do João das Pedras e foram atendidos. Aí eles marcam a intenção.

Michelle: Quando a gente vai mandar celebrar uma intenção, tem que ser no nome de batismo, não pode ser um apelido?

Helena: Não tem nada contra. É porque, se ele tem um nome próprio, então ele achou interessante a gente ir atrás e colocar.

Michelle: Desde o início até hoje, essas intenções tiveram um aumento ou diminuíram. Têm a mesma frequência?

Helena: Olhe, quando eu ficava no balcão do atendimento, a gente sempre marcava. Agora eu não posso mais falar, porque eu já não estou mais nesse setor. [...] Estou na parte financeira da paróquia, não posso afirmar a frequência¹⁰.

As tabelas aqui apresentadas foram construídas a partir da transcrição e fotografias (ver página 20) das páginas das agendas existentes na Igreja Matriz de São Benedito.

¹⁰ SANTOS, Maria Helena Sousa dos.

Frei Marcos, citado por Helena, foi um pároco que em 2004 permaneceu, durante três meses, substituindo o padre Antonio, que se encontrava em São Paulo. Antes disso, na agenda de 2003, observamos a presença de outro nome, João de Deus: ou seja, a necessidade de trocar o nome Pedras, por outro, já existia antes do frei. É necessário perceber que o nome João de Deus é um intermédio entre Pedras e Ferreira Gomes, entretanto, sem atentar, inscreveram no ladrão o nome que também ficou conhecido em todo o mundo o Papa João Paulo II.

A alternância implica o incômodo causado pelo ladrão, mas, principalmente, pela figura do milagreiro concesso. É a funcionária que nos afirma a existência das intenções como um pagamento de promessas: “Dizem que foram se valer do João das Pedras e foram atendidos”.

De fato, a questão é delicada. De um lado, a igreja de São Benedito, um lugar de culto do catolicismo oficial, que deve estar de portas abertas a receber todos os fiéis: ricos e pobres, católicos assíduos, conservadores ou católicos sincréticos ou não. A igreja só existe pela presença dos fiéis. Além do mais, a Igreja católica, nas últimas décadas, tem buscado ganhar adeptos e não perdê-los.

Então, como conviver com as intenções a João, sabendo que são, para aqueles que as solicitam, um veículo que cultua a alma do ladrão e santo popular? E a igreja servindo, nessa perspectiva, como espaço de devoção? A proibição não ocorre de forma direta. Afinal, como impedir um fiel de dedicar uma celebração a um falecido? Banir o culto severamente se configuraria numa imposição contra João das Pedras, e contra os seus devotos, que adentram as portas da igreja, também seguindo outros rituais e outra devoção do catolicismo oficial.

A sutileza reside na construção doutro sentido, sendo edificado numa precaução de não indicar a contrariedade e não correr o risco de desagradar ninguém. A “conscientização” surge como uma benfeitoria, na indicação do nome “correto” de João: “João das Pedras. Mas é bom colocar na pessoa dele, a intenção no nome dele. Aí ficou ‘certo’: João Ferreira Gomes”. É possível perceber nas agendas que há intenções escritas para falecidos com outras alcunhas, e que não foram modificadas e nem houve essa preocupação.

Seja qual tenha sido o pároco que suscitou a mudança, a finalidade parece ser clara. A homilia tem uma consistência na difusão e afirmação da devoção a João das Pedras. Conforme observamos na tabela, as intenções percorrem os diversos dias da semana, dos meses e dos anos. De um lado, os devotos desconhecem o nome de João, como afirmou Helena: “Só conheciam por nome

de João das Pedras”. Outros, como os fiéis frequentadores da igreja de São Benedito, também o desconhecem como tal. Ou seja, pouco a pouco sendo mencionado de outra forma, a memória de João das Pedras se dispersaria numa redução de sentidos para o público ouvinte. A linguagem é responsável pela construção do santo perante os ouvintes e devotos. E as mudanças são percebidas, mas nem sempre compreendidas:

Michelle: O senhor já fez alguma promessa com ele?

Seu Expedito: Não. Nunca fiz não.

Michelle: O que o senhor pensa sobre esse povo que faz promessa com ele?

Seu Expedito: Diz o povo que até o padre também, aqui, acolá, falava no nome dele na missa. Aí não chamava, deixa eu ver como era que o padre chamava, meu Deus [...]11.

As intenções, uma vez proferidas durante a santa missa, são assimiladas por muitos dos ouvintes ou fiéis frequentadores da igreja Matriz de São Benedito ou de outras Igrejas circunscritas na cidade, como nos comentou a senhora Maria Ferreira de Souza: “Eu vejo na igreja o povo agradecendo as graças que alcançam dele. Nas missas, nas novenas de São Francisco, agradecendo graça que alcança dele”¹².

São os ouvintes, que, mesmo não tendo vínculo com João das Pedras, auxiliam na difusão de que ele seja o falecido que mais receba celebração¹³, crença que vai sendo afirmada e fincada na e pela homilia. Não é difícil ouvir uma afirmação como a da senhora Francisca Muniz: “Eu escuto muita missa que são celebrada aqui, em São Benedito, na intenção da alma dele”¹⁴.

Além de observar o valor das intenções na difusão da memória de milagreiro de João, o que me atraiu a atenção foi atestar que, diante da ausência de documentos escritos, João das Pedras está desta vez por escrito na Igreja, que não o aceita como santo. A secretária Fransquinha sempre se contentava em

¹¹COUTINHO, Expedito Jorge. 78 anos. Pedreiro aposentado. Residente na travessa Francisco Cavalcante, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/01/2008.

¹² SOUZA, Maria Ferreira de. 67 anos. Aposentada. Casada. Entrevista realizada em sua residência na rua Deputado Francisco Júlio Filizola, no bairro do Corrente, no dia 03/07/07. A novena de São Francisco q que se referiu a entrevistada ocorre nos fins de setembro na igreja de São Francisco, localizada próximo à praça dos Índios Tabajaras, na área conhecida como quadro de São Francisco.

¹³O fato de os ouvintes e fiéis das celebrações se referirem às intenções como práticas costumeiras é fruto de ouvidos definidos que compreendem na intenção a prática das promessas. De acordo com Certeau, tem-se a definição: “As palavras flutuam, vagas, quando não estão destinadas a ouvidos definidos” (CERTEAU, 1993. p. 224).

¹⁴ NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos. Funcionária aposentada do Colégio Estadual Ministro Antonio Coelho, na função de auxiliar de serviço. Rua Deputado Vicente Ribeiro. Entrevista realizada em sua residência no dia 01/05/2005, em São Benedito-Ceará.

dizer: “Aqui só tem as intenções! Você já procurou a família dele? Você já foi na cadeia? Lá você pode encontrar alguma coisa sobre ele.”

Na igreja de São Benedito, a mudança do nome pode ocorrer nas agendas, proferidas na homilia, mas a “conscientização” não é *propagada ou aceita* de maneira uniforme pela cidade. Nem mesmo a funcionária paroquial Helena é convencida de todo. É só observar que, em sua entrevista, após explicações em torno da mudança dos substantivos, quando faz menção a João, chama-o assim: “Dizem que foram se valer do João das Pedras e foram atendidos. Aí eles marcam a intenção”.

Em número menor nos agendamentos, a alcunha Pedras teima em se apresentar. Fruto de descuido, ou não, o fato é que sua presença indica o vigor de uma memória que é (re)elaborada pela perspectiva individual de cada um, mas uma memória pública¹⁵, que constrói um nexos entre o passado e o presente¹⁶. Afinal a alcunha não apresenta apenas o ladrão João das Pedras, mas também apresenta o santo, a alma milagrosa diante da homilia.

Maria Auxiliadora fez promessas com João das Pedras, e a missa foi um dos passos para o pagamento ao santo:

Meu menino, Carlos Eduardo, deu uma infecção intestinal muito forte, eu levei ele pro hospital, três vezes no hospital municipal, e o médico consultou ele e desenganou, que eu levasse pra casa que não tinha jeito. Aí eu fui, levei pra casa, já mesmo como morto que ele não se mexia. Aí eu fiz uma promessa com o finado João das Pedras que, se ele escapasse, quando o menino tivesse dez anos é pra ele pagar uma missa pra ele com as mãos dele. Aí eu internei o menino, quando foi no outro dia, seis horas da manhã, ele começou a se mexer. Aplicaram um soro nele e ele se mexeu e chorou com fome. Ele só mamava, eu passei oito dias com ele internado, e aí o médico deu alta que ele já tava bom. E todas as promessas que eu faço com ele, eu consigo. Eu já fiz três. Inclusive quando eu quebrei meu braço, faz nove anos, tem um milagre aí (no túmulo) que eu butei, que eu me apeguei com ele. Não engessei e nem nada, e tá aí o braço normal, eu faço tudo [...]. Graças a Deus, eu tenho muita fé nele, ele é uma alma muito milagrosa¹⁷. (grifo da autora)

¹⁵ Quando me refiro às intenções nos termos de uma memória pública sobre João das Pedras, utilizo o termo público por dois prismas. Primeiro, estas são proferidas num espaço público, seja ele dentro ou fora da igreja. Segundo, a memória pública, segundo Alessandro Portelli, é a memória mais difundida “na maneira de recordar da gente comum”. Além disso, o autor salienta que não se deve esquecer que: “A memória pública está, muito, sob a influência [...]”. Vimos que em São Benedito não é raro ouvir que João recebe mais intenção; por outro lado, essa memória pública está sob influência também dos devotos (PORTELLI, 2002. p.12-22).

¹⁶ Vimos que João das Pedras não está presente na historiografia local. As intenções, entretanto, podem ser consideradas como um rito que constrói a ponte que traz João do passado para o presente, onde é celebrado, e aqui não é questionada a distância que separa estes tempos. Nesse sentido, Carlo Ginzburg observa que: “Em qualquer cultura, a memória coletiva, transmitida por ritos, cerimônias e eventos semelhantes, reforça um nexos com o passado que não pressupõe uma reflexão explícita sobre a distância que nos separa dele” (GINZBURG, 2001. p. 179).

¹⁷ SOUSA, Maria Auxiliadora Ribeiro. 33 anos, agricultora. Residente na Rodovia da Confiança Sul. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/02/2005.

É pela terminologia Pedras que ele é evocado no dia-a-dia pelos devotos. A razão pela qual a alcunha não tenha desaparecido nas agendas. Cabe ao devoto nomear sua prática. A cada homilia em que o nome de João das Pedras é proferido, sua alma é alimentada, assim como a sua memória de concessor é difundida, fortalecida por aqueles que afirmam terem alcançado uma graça. Assim, as intenções são um veículo de troca simbólica entre o santo-ladrão, que concede, e o devoto, que cumpre o estabelecido.

A fé de Maria Auxiliadora não é maior ou menor porque desconhece o nome “correto” de João. Os devotos não necessitam saber da biografia do santo popular¹⁸ ou de detalhes que, para nós pesquisadores, ou para a Igreja, são significativos. Aqui, o registro feito é outro. O que importa, para a devota, é a certeza de que “todas as promessas que eu faço com ele, eu consigo”.

Feito o pedido, e tendo a graça alcançada, o ritual que se segue é o do pagamento. As intenções devem ser cumpridas. A mãe, feitora da promessa, assegura: “Eu fiz uma promessa com o finado João das Pedras que, se ele escapasse, quando o menino tivesse dez anos é pra ele pagar”. Pagar é ir à secretaria paroquial munido de R\$ 2,00 (dois reais) para pagar com suas mãos de menino, ressuscitado pelo suspiro invisível de João das Pedras. Assistir à missa e ouvir o nome do santo é o fim do pagamento. A partir daí, o devoto segue uma devoção contínua, admitindo a feitura de uma, duas ou, como admite a mãe devota, “eu já fiz três”.

As intenções suscitam interpretações que se confrontam. Uma oposição criada pelos questionamentos acerca da vida de João das Pedras e da própria função social das intenções como prática religiosa cristã. Cada sentido é traçado junto com a biografia, o mundo particular e social de quem profere o discurso questionador¹⁹. Assim, a trajetória de vida, a posição e profissão no mundo social são elementos que influenciam na vida do mundo religioso, das crenças:

¹⁸ Francisco Régis Lopes, ao discutir acerca do corpo e sexualidade do padre Cícero no imaginário dos devotos, observa que o santo é imperecível, dotado de um corpo não pecador, que na vida terrena não se rendeu às tentações. Essa interpretação sobre o santo é construída, porque, segundo o autor, “o que importa para os limites da presente abordagem (sobre os devotos) não é o ‘resgate’ do real e sim o imaginário social que constrói a realidade de uma determinada forma. A biografia oficial do Pe. Cícero não seduz, não se origina da fé nem lhe dá força. A consistência do Pe. Cícero é criação e criadora do prodigioso mundo da fé sertaneja” (RAMOS, 1998. p. 57). O nome de João, seja Deus, Pedras ou Gomes, só tem sentido se passar pelo crivo da fé da religiosidade de seus devotos.

¹⁹ A fala e, conseqüentemente, a opinião de cada um estão inscritas nos limites do lugar que ocupamos na sociedade, um lugar pautado pela formação seja profissional, intelectual, religiosa, leiga, sugerida por Certeau: “Estamos, portanto, sujeitos à lei tácita de um lugar particular. Por lugar, entendo o conjunto de determinações que fixam seus limites em um encontro de especialistas e que circunscrevem a quem e como lhes é possível falar quando abordam a cultura entre si. Por mais científica que seja, uma análise permanece uma prática localizada e produz somente um discurso particularizado” (CERTEAU, op. cit. p. 222).

seja em suas vivências particulares, como da mesma forma na avaliação da aceitação ou rejeição das práticas de fé de alheios, postas diante dos olhos no cotidiano.

Padre João Batista é natural de São Benedito. A cidade, que o viu nascer, crescer, hoje é apenas reduto de sua passagem. Quando isso ocorre, é celebrante de missas na Matriz e em outros arredores da cidade. Nas homilias que conduziu, tanto no âmbito de São Benedito quanto em municípios próximos, existiam intenções dedicadas a João das Pedras. O padre, apesar de reconhecer que os fiéis percebem no ladrão a imagem de concessor, desconversa acerca da imagem de milagreiro rendida ao ladrão-santo. O padre João Batista constrói outro sentido, fincado na sua concepção de religioso:

Eu acho que [...] celebrar missa [...] é algo muito normal. Porque todo falecido recebe sempre as intenções, não é?! Hoje mesmo, nas festas que eu faço aí no sertão ou daqui, você encontra muitas intenções pro João das Pedras, não é? E você reza por um cristão como todo cristão que foi batizado, né. E então a ação dele que roubou ou que não roubou aí não cabe a gente julgar. Cabe a Deus, não é? Mas cristão ele foi e, como se celebra pros outro, pode se celebrar também pra ele, não é. [...] eu peguei mais no âmbito de São Benedito e Graça, por exemplo: Lapa, Vila. São pessoas que na época era tão ligados pra cá²⁰. (grifo da autora)

Padre João Batista, para se desfazer das intenções como veículo de promessa a João das Pedras, trata de identificá-las como ação cristã comum dirigida aos falecidos, batizados.

O batismo é um divisor de águas e de pertencimento. O sujeito, ao receber sobre a cabeça a água benta, na pia batismal, adquire, além da bênção do padre, a sua nomeação como cristão batizado. O ritual se configura num registro, vislumbrado pelos olhos dos homens católicos, de que a vida do sujeito batizado e, conseqüentemente, sua morte estarão vinculadas pelos laços da religião católica e asseguradas pelos cuidados divinos.

Em São Benedito, ao nascer, logo nos primeiros dias ou meses, o pequeno que pertence a um lar católico é batizado. Teme-se que uma doença repentina ou alguma complicação venha atormentar a vida do recém-nascido e o leve, sendo um pagão. Os pais ficam em pecado quando o filho morre sem batismo, por terem negligenciado o recebimento da luz e a proteção divina. Sendo assim considerado o batismo: a luz que ilumina o caminho do filho ao do criador.

²⁰ RODRIGUES, João Batista. 38 anos. Sacerdote. Entrevista realizada na secretária paroquial de São Benedito, no dia 02/10/2005. O padre está encarregado da paróquia de Camocim, Ceará. No período da entrevista, padre João Batista estava visitando sua família que ali reside. Apesar de não residir em São Benedito, o padre participa de festas religiosas nos municípios vizinhos, e por essa razão ressaltou em sua entrevista ter celebrado missas em que são proferidas intenções a João das Pedras.

Além disso, antes de ser batizado, o recém-nascido não tem sossego: adocece constantemente, sofre de vento caído, cai e é possível vê-lo rir quando dorme, é outro pagão que morto lhe vem desassossegar. O batismo, um cordão umbilical que se segue mesmo após a morte. A criança pagã pena na terra, a chorar pela falta da bênção sagrada.

João das Pedras foi batizado no município de Graça, teve como padrinhos Mariquinha e Pedro, comentou-me Maria Ferreira Gomes²¹.

As intenções são uma continuidade do laço instituído com o batismo. De fato, a normalidade afirmada pelo padre João Batista está inserida num contexto historicamente apresentado no mundo religioso cristão. As intenções são práticas que apresentam a relação do sujeito com a vida, a morte e o além.

João José Reis, ao analisar testamentos baianos do século XIX, assegura-nos que as ordens testamentárias se configuravam num espaço destinado à distribuição de bens materiais; uma escrita reparadora servindo para a confissão de erros cometidos no pulsar da vida; confissões; pedidos de perdão; reconhecimento de filhos e pagamento de dívidas eram no testamento descritos. Além disso, o testamento envolvia-se pelo medo do testador frente ao destino derradeiro: o além. As intenções de missas eram propostas pelos baianos em glória de sua alma, configurando-se na garantia da salvação e sossego eterno. As missas davam continuidade aos ritos fúnebres que se iniciavam à cabeceira do moribundo. Em geral, os familiares, os padres ou as irmandades religiosas ficavam encarregados de contribuir para a salvação da alma do falecido. As determinações testamentárias, em parte, cumpridas pelo medo dos vivos em relação ao retorno da alma do falecido, afastavam o risco de a alma ficar penada e vagar mundo afora, sofrendo e cobrando o que fora estabelecido. Os baianos, em particular os pertencentes às irmandades religiosas, gastavam consideráveis quantias para assegurar missas e logo sua passagem para o céu. A missa era uma mercadoria²².

²¹ Estive em 2003 realizando a pesquisa de campo no município de Graça, Ceará precisamente entre os dias 10, 11 e 12 de agosto. Fui à paróquia local e procurei saber sobre os livros de batismo da década de 1940, registro que traria luz sobre algumas questões como o dia e ano em que João das Pedras nasceu, nome do pai, padrinhos, entre outras informações que buscava compreender na fonte. Fui informada que os livros desse período não estavam no poder desta paróquia, a hipótese era que estariam no município de Reriutaba, Ceará, ou em São Benedito, que eram paróquias que se relacionavam de forma assídua. Fui à paróquia de São Benedito e pesquisei nos livros de batismo, porém não encontrei nenhuma menção a João. A secretária Fransquinha acredita que os livros de batismo do município de Graça estejam mesmo em Reriutaba, mas não fui a esta cidade.

²² Analisando os testamentos na Bahia do século XIX, o autor João José Reis infere: “A boa morte significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo, sem que ele prestasse conta aos que ficavam e também os instruisse sobre como dispor de seu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos. Um dos meios de se preparar, principalmente mas não exclusivamente entre as pessoas mais abastadas, era redigir um testamento [...] O temor da morte, no entanto, não deve ser visto como o medo sem controle. O grande medo era mesmo morrer sem um plano,

É possível compreender que a preocupação dos vivos com o destino da alma, na contemporaneidade, ainda alimenta o medo do destino derradeiro. As intenções são os guinchos que têm o poder de livrar, salvar o falecido das chamas e da escuridão do inferno. O testamento não é feito pelo pobre que pouco possui, sendo a memória a guardiã das missas que serão rendidas aos falecidos.

Em São Benedito, as intenções são compreendidas numa prática particular, exclusiva da família do morto. Costumeiramente rendidas num calendário coletivo, as intenções seguem distribuídas: nos aniversários de nascimento e morte do finado, na semana santa, nos festejos de santos padroeiros, dia de finados, Natal, ano novo. A senhora Raimunda Ferreira Maia dedica suas intenções a seus familiares nas datas que marcam sua partida para o mundo dos mortos: “Em aniversário de morte. Tem minha mãe que foi em 2000, 3 de dezembro de 2000. Tem meu irmão que foi 3 de dezembro de 2003; e tem meu pai que vai fazer dois anos agora: é 9 de julho. São essas datas que eu mando”²³.

As intenções assumem, nas interpretações populares, o caráter de obrigação. É a saudade e o dever sentidos pelos familiares que são corporificados na celebração. As datas lembradas marcam a cronologia que separa a presença do ente e seu desaparecimento fúnebre.

Além do espaço sagrado da Igreja, outro se insurge na vigília aos mortos: o reduto da casa onde as orações como o pai-nosso e a ave-maria também compõem o alimento da alma e da lembrança dos carecidos, como a senhora Francisca das Chagas:

Eu rezo p'as almas, p'a minha mãe, p'a todo mundo que morreu eu rezo. Só que eu acho assim, eu acho que a pessoa tiver de fazer é enquanto tá vivo. Im morrer acho que nada serve mais, né. Rezo p'a alma da minha mãe, do meu povo que já morreu, eu rezo. Mas eu acho que o que só o que a pessoa deve fazer é quando tá vivo [...].²⁴

Francisca das Chagas, dona Chaguinha, funcionária pública pela tarde, quando trabalha como faxineira num colégio, e vendedora de roscas, bolos e doces pela cidade nas manhãs de feira, questiona para si o sentido da reza para

o que para muitos incluía a feitura do testamento. A preparação facilitava a espera da morte e aliviava a apreensão da passagem para o além [...]”. Nesse sentido, não fazer um testamento era correr o risco de conseqüentemente não receber missas, sendo que “as missas eram vistas como a mais acertada providência para a salvação da alma” (REIS, 1991. p. 92, 95, 218, 219).

²³ MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de Casa. Casada. 50 anos. Residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

²⁴ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos, funcionária pública. Reside na rua Monsenhor Custódio em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004.

os mortos. O conflito surge na dúvida em torno da crença de uma vida após a morte: “Im morrer acho que nada serve mais, né”. As rezas teriam ou não o poder de alimentar a alma do falecido? Em meio à incerteza, a entrevistada não deixa de velar pelo seu “povo que já morreu”. Afinal, se estiver errada em seu julgamento, as rezas servirão.

No cotidiano de devoção popular, outra forma de dedicar uma missa é quando o falecido vem visitar em sonho o parente. A interpretação do sonho deve levar em consideração todos os detalhes, desde o ambiente onde se passou como a expressão da alma e, principalmente, a sensação experimentada. O sonho que apresenta o falecido com vestes brancas, geralmente a mortalha com que foi vestido, num lugar florido, de verdes matas, céu limpo sem nuvens, água límpida e corrente e frutas, indica que o lugar no qual vive a alma é bom. Se a aparência estiver acrescida de um semblante tranquilo e sereno, a presença no sonho foi somente para visitá-lo. Além disso, se não sentir o arrepio e temor da visão do morto, isso é o último sinal que indica que ele descansa em paz.

Lugares obscuros, de água parada e suja, paisagem de galhos ressequidos, desertos, ventanias, o sonhador que não consegue olhar para o defunto e a sensação de frio indicam um lugar ruim. A necessidade de acordar é maior do que a curiosidade de ouvir e perguntar ou requerer: as sensações são compreendidas como o anúncio de que o morto pena por não estar num bom lugar. E sua visita é uma súplica por rezas e celebrações de missas.

A lembrança do morto é alimentada quando estes sonhos ocorrem. O respeito e temor mesclam-se no cumprimento da interpretação particular que compreende no sonho a necessidade de dedicar uma intenção: seja para que o falecido continue num bom lugar ou na esperança de aliviar a alma que sofre.

Maria de Fátima passou a questionar o sentido religioso e o valor simbólico atribuído ao costume de dedicar celebração a falecidos, e também diz não crer que o morto venha ao mundo dos vivos:

Michelle: A senhora acreditava nessas coisas: que gente que já morreu vem em sonho para pedir as coisas:

Maria de Fátima: Hoje eu já não acredito mais, não. Acredito em pouca coisa. Mas eu acreditava.

Michelle: Por que a senhora deixou de acreditar?

Maria de Fátima: Sei lá, comecei a ler a bíblia e deixei de acreditar nessas coisas. Eu não acredito mais, eu acho que morreu a pessoa, eu não acredito que a pessoa se comunique com ninguém aqui da terra não, passei a ler a bíblia, a conversar com outras pessoas, comecei a conhecer novos horizontes. [...] Eu não coloco uma vela. Morreu, acabou. Quem quiser fazer, faça em riba do chão. Porque no outro a Deus pertence. [...] Eu não quero mais acreditar nessas coisas²⁵.

²⁵ LOPES, Maria de Fátima do Carmo. 53 anos. Professora aposentada. Casada. Natural de Crateús. Residente na rua Washington nº 307, bairro Santa Rita em Crateús, Ceará. Entrevista

Maria de Fátima não informou qual seria a outra igreja freqüentada por ela. Entretanto, podemos crer que a mudança vinda com o tempo e com a leitura da bíblia foi um divisor de posições. Precisamente, a senhora, ao defender que lê a bíblia, dá a entender que, quando católica, a leitura era feita de forma indireta, através do evangelho proferido na homilia pelo padre.

De fato, as intenções sempre foram motivo de discussão e discordância. O moleiro friulano Domenico Scandella, o Menocchio, não relutou em proferir para o Tribunal da Inquisição que “morto o corpo, morre a alma” (GINZBURG, 1987. p. 135). A alma não vive para receber as intenções, sendo uma prática sem serventia para a salvação dos mortos.

Mas, para muitos, as almas necessitam de rezas. Em sua pesquisa Kesia Cristina Alves acredita que, num primeiro instante, as orações e missas rezadas para o cangaceiro Jararaca, em Mossoró, apresentavam o bandoleiro carente das preces para obter a salvação, saindo do purgatório. Posteriormente, as missas também são compreendidas pela autora como veículo de pagamento de promessa. (ALVES, 2006. p. 71).

Existem outras almas, porém, que, ao invés de receber rezas e missas para salvação, são concessoras de graças. Quando estão num lugar de luz superior, são designadas por Deus a auxiliar os que aqui na terra clamam por sua intercessão. As mais conhecidas são as 13 almas benditas e santas, as quais são atribuídos diversos milagres:

ORAÇÃO ÀS TREZE ALMAS

Oh! Minhas 13 Almas Benditas, sabidas e entendidas, a Vós peço, pelo amor de Deus atendei ao meu pedido. Minhas 13 Almas, Benditas, sabidas e entendidas, a vós peço, pelo sangue que Jesus derramou, atendei ao meu pedido. Pelas gotas de suor que Jesus derramou do seu Sagrado Corpo, atendei ao meu pedido. Meu Senhor Jesus Cristo, que a vossa proteção me cubra, vossos braços me guardem no vosso coração e me proteja com os vossos olhos. Oh Deus de bondade! Vós sois meu advogado na vida e na morte; peço-vos que atendei aos meus pedidos, livrai-me dos males e dai-me sorte na vida. Segui meus inimigos; que olhos do mal não me vejam; cortai as forças dos meus inimigos. Minhas 13 Almas Benditas, sabidas e entendidas, se me fizerem alcançar esta graça (Dizer a Graça), ficarei devoto de vós e mandarei publicar um milheiro desta oração, mandando também rezar uma missa. Reza-se 13 Pai Nosso e 13 Ave Maria, 13 dias.

Logo após meu pedido, mandei publicar e distribuir um milheiro desta oração, em agradecimento e para propagar as graças alcançadas através das 13 almas²⁶.

realizada no dia 19/07/2008 em Fortaleza ,quando esta senhora estava de visita à casa de sua filha Ana Keyla Lopes, que reside na avenida Jovita Feitosa.

²⁶ No fim da oração há uma inscrição que nos informa que sua distribuição é feita através da editora Santo Expedito: “Faça sua encomenda na Editora Santo Expedito R\$ 38,00 + taxa de entrega. De São Paulo, ligue: 2105. 3099. De outras cidades, ligue grátis: 0800.703.1904. E

A oração é repassada em folhetos distribuídos em missas pelos devotos que receberam as dádivas. A doação se firma como um dos passos do pagamento da promessa: a celebração de missa é o outro componente de significado imposto ao pagamento às almas. As treze almas benditas são uma exceção num quadro de devoção popular que é reconhecido pela oficialidade católica apostólica romana. Assegura Oscar Calavia Sáez que “as almas são entidades que contam com um espaço legítimo dentro do catolicismo romano”. (SÁEZ, 1996. p. 88).

As almas benditas são cultuadas principalmente na segunda-feira, que é o dia das almas. As intenções são marcadas e celebradas nas igrejas, mas na mesma medida em casa, em seu reduto particular e familiar, Francisca Mota afirma que o dia é bom para pedir e receber as graças das almas benditas: “Segunda-feira é o dia que a gente mais recebe aquelas preces que a gente pede”²⁷. A segunda-feira para o culto das almas não é um dia instituído apenas pela devoção popular, pois se trata de um “dia consagrado pela Igreja ao culto das almas”. (SÁEZ, op. cit. p. 118).

Os santos oficiais também são recebedores das intenções como pagamento de promessas. Exemplo disso é perceber, numa página da agenda de marcação da paróquia de São Benedito, a indicação de uma graça alcançada:

aproveite para pedir o Livro Santo Expedito: “**Um Show de Graças**”. Apenas R\$ 25,00. Loja Virtual: www.santoexpedito.com.br”.

²⁷ RODRIGUES, Francisca Mota. A senhora Francisca, conhecida como Chica da Égua, concedeu-me a entrevista em sua residência, na avenida Tabajara, no dia 19/03/2004. Aposentada, estava com 68 anos. Nascida em 25/10/1936. Em 18/06/2006, contando então 70 anos, a senhora faleceu vítima de um AVC.

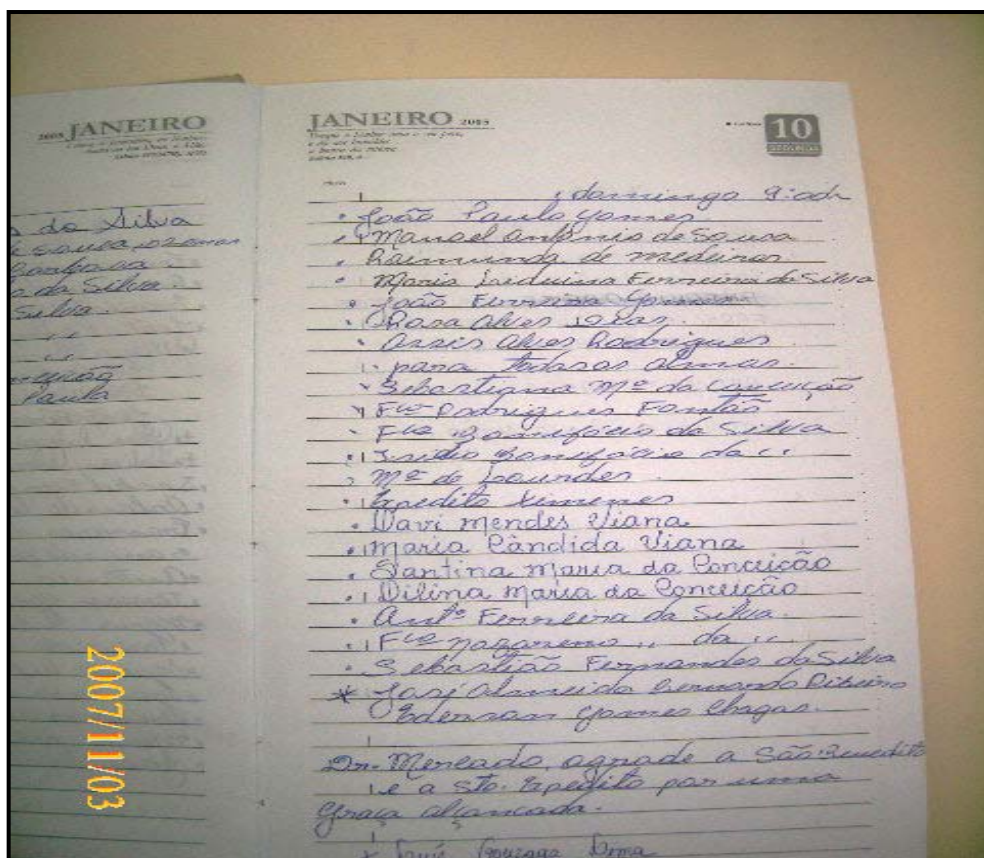


Figura 5: página referente ao dia 10 de janeiro de 2005, fotografada pela autora no dia 03/11/2007.

É no fim da página da agenda acima que observamos a presença de um pagamento de promessa a São Benedito e a Santo Expedito. Interessante é atestar que, neste agradecimento, o nome do devoto é informado: “Dr. Mercado”, ao contrário do que acontece com as marcações destinadas a João das Pedras.

Precisamente na quinta linha da página da agenda está o nome de João, seguido de seu sobrenome, Ferreira e Gomes, em meio a outros falecidos. Uma vez pedi a Fransquinha, a secretária da paróquia, que, ao marcar uma intenção a João das Pedras, informasse o nome do devoto, pois posteriormente poderia realizar uma entrevista. Propus-me pagar o serviço se fosse necessário, e deixar uma agenda exclusiva para a marcação. A senhora relutou, alegando que seria imprópria a prática, afinal nenhuma intenção a outro falecido teria o nome do ofecedor da intenção; além disso, o tempo também não permitiria o intento. Então como se explica o que vimos acima: seria porque ele é doutor que seu nome de devoto foi mencionado ou por que o santo é do catolicismo oficial?

De fato, as intenções dirigidas a João não pertencem ao surgir de sonhos. E nem são rendidas apenas por familiares. Apesar disso, e observando que os

emissores das celebrações não são parentes e nem as intenções podem ser medidas no mesmo sentido que a atribuída a qualquer falecido, o padre João Batista insistiu na defesa da normalidade das práticas à memória do falecido. O padre sugeriu ainda a deturpação da intenção feita por aqueles que a dedicam a João das Pedras, pois a interpretação dos devotos os leva à idolatria da imagem e conseqüentemente da trajetória de vida do ladrão²⁸:

Agora, pra endeusar uma pessoa assim, santificar uma pessoa, sem conhecer muito a história dele, não é? Foi coisas tão obscuras, assim não foi uma pessoa que tava no meio da comunidade fazendo o bem, que se fazia mais era cobrir um santo pra descobrir o outro, não é? Não era uma pessoa [...]. Sei lá. Do meio da comunidade que tava beneficiando alguém, fazia. Talvez tivesse suas coisas boas, como todos nós temos, e as coisas ruim também. Mas eu acho que ainda falta muito, assim, o povo analisar mais esse tipo de fé, esse tipo de ação, sabe, em relação às pessoas. E porque talvez foi como a forma como trouxeram que acharam que ele era santo, não sei que [...]. E você sabe que essas coisas, elas, elas circulam muito rápido, as informações, não é? Se alguém dizia assim para o outro, uma senhora: Olhe, faça uma promessa com o João das Pedras, que ele é milagroso. Então, quem está na dificuldade ou no conflito, tá buscando qualquer opção, qualquer coisa, né. E fazem e às vezes é atendido e mandam celebrar missa e pronto²⁹. (grifos da autora)

De que lugar fala o padre? Primeiro, do lugar de sacerdote. Indicando a responsabilidade do sacerdote de abraçar e difundir os preceitos da Igreja católica, que sinaliza os cultos oficiais. Em Roma, o veredicto é proferido pelo papa, anunciando após um longo processo de investigação sobre o santo: o protagonista de culto e de milagres que os fiéis católicos seguirão oficialmente³⁰.

²⁸ Carlo Ginzburg faz uma menção do clérigo Bernard d'Angers, que avista: “num altar uma estátua de São Geraldo, coberta de ouro e de pedras preciosas, que parecia olhar para os camponeses ajoelhados em prece com olhos brilhantes. [...] mas a veneração das estátuas dos santos lhe parecia um abuso inveterado de gente ignorante” (GINZBURG, **Olhos de madeira**. p. 97). A atitude dos populares diante das imagens foi recriminada pelo clérigo; fica evidenciado nesse trecho que não se deveria adorar as imagens no sentido físico e espiritual do termo. Em São Benedito, a frequência das promessas, e conseqüentemente das intenções, a João das Pedras é compreendida pelo padre João Batista como um “endeusamento”, e não precisa ter tido João uma estátua e imagem de gesso, ferro, bronze, porcelana, prata, para que pudesse ser adorado. Entretanto, ainda assim há uma “idolatria”, não no sentido de desejar seguir os passos, mas de enaltecer, admirar seus feitos, mesmo que estes tenham sido os roubos passados, e no presente os milagres atribuídos a ele. Conforme o sacerdote, aqui se trataria de outra forma de “endeusá-lo”, por conta de milagres alcançados a partir da “dificuldade e no conflito”, quando o devoto de João “tá buscando qualquer opção”.

²⁹ RODRIGUES, João Batista.

³⁰ De acordo com Marília Schneider, o processo para a aceitação do novo santo pode ser compreendido em 4 etapas: “1. **Fase Pré-Jurídica** - [...] esta é, na verdade, a fase promocional, cuja intenção é encorajar uma devoção privada ao candidato e convencer o bispo da diocese onde o candidato morreu de que existe uma persistente e genuína reputação de santidade. 2. **Fase Informativa** – Se o bispo local decide que o candidato possui mérito, ele institui o Processo Ordinário. O objetivo desse processo é obter material suficiente para a Congregação no Vaticano [...]. 3. **Julgamento da Ortodoxia** – Nesta fase é coletado todo o material que tenha sido escrito pelo candidato, publicado ou não. Esse material é enviado a Roma onde é analisado

A Igreja católica, num inquérito minucioso, dita o que é e o que não é milagre, pautada na análise criteriosa da racionalidade moderna³¹.

Assim sendo, o culto sem a bênção da instituição católica, por conseguinte, é negado. O seu caráter de prática cultural e popular é visto pelo ângulo que compreende nas práticas do outro a ignorância, a desinformação, a carência de análise, as “superstições”. Uma fé que, segundo o padre João Batista, exhibe uma falta de avaliação.

Além do lugar de padre, João Batista inscreve em sua reflexão a opinião do filho do senhor Epifânio, dono da casa onde morreu eletrocutado João das Pedras. O ladrão morreu na Rua Firmino da Costa nº 180, no Bairro do Cruzeiro em São Benedito, no dia 04 de abril de 1978. Uma cerca elétrica, um “pega-ladrão” foi armado de forma clandestina. Assim como não teve nenhuma avaliação de funcionários da Coelce, não havia nenhuma indicação sobre a presença da fiação. Tudo seguia a “naturalidade”: afastar o ladrão sem machucar. Entretanto, a família do Padre João Batista é apresentada por algumas pessoas em São Benedito como os caçadores, como podemos observar na entrevista do senhor José Rodrigues do Vale:

Aí todo mundo acha que ele foi muito humilhado. Aí teve a morte dele aqui no Cruzeiro, que foi o cara que morava no Rio de Janeiro, eu não sei, nem conheço a família, não. E aí ele roubava galinha, entrou lá nos galinheiro alheio, aí tirou as galinhas várias vezes. Aí, daqui telefonaram, escreveram pro dono lá da casa no Cruzeiro. E aí ele veio e fez a armadilha, o fi elétrico. E o homem, quando foi, entrou lá, morreu ligado. Você não sabe da história? Pois é [...] morreu ligado na energia, pulou a janela, aí, se abraçou-se com a energia, morreu, virou um carvão mesmo [...]32.

por teólogos. [...]. 4. **Fase Romana** – Logo que o dossiê enviado pelo bispo chega na congregação, a responsabilidade pela causa passa para as mãos do postulador [...]” (SCHNEIDER, 2001. p. 108-109).

³¹ A necessidade do devoto é o ponto de partida que compreende na graça alcançada o milagre: esteja este configurado num emprego, na cura de uma doença, no achado de um objeto perdido. Ao contrário desse conceito aberto de milagre que tudo abraça como sendo obra de poder do santo, a Igreja constrói sua meticulosa e criteriosa denominação do que seja o milagre, segundo comenta Francisco Régis Lopes Ramos, quando analisa a interpretação vislumbrada pela ótica da Igreja católica de Roma no processo que investigava a hóstia transmutada em sangue na boca da beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte: “Enquanto a Igreja, por meio de Inquéritos, procurava definir a veracidade dos ‘milagres’, o povo seguia as palavras do coração. Os procedimentos eram diferentes. A Igreja necessitava de investigação e reflexões da teologia para definir o milagre: seguia, de certa forma, duas orientações da racionalidade moderna, ou seja, a experimentação e o uso de um vocabulário exato, nos moldes da matemática. Por outro lado, o povo não sentia a necessidade de provas ‘racionais’ da teologia burocratizada: seguia sua fé, suas crenças predispostas a ver manifestação do sagrado. Além de explicitar questões ligadas ao jogo político da hierarquia clerical, o conflito entre a Igreja e os fiéis de Juazeiro é um indício da modernidade que penetrou nos interstícios de um organismo apto a fazer concessões, quando os benefícios agradam ou as pressões apertam” (RAMOS, op. cit. p. 102-103).

³² VALE, José Rodrigues do. 73 anos. Agricultor. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na residência de sua comadre Francisca Muniz do Nascimento.

De acordo com o padre João Batista, a forma como João das Pedras foi conduzido após a morte fugiu das rédeas de sua família:

A forma como ele foi trazido, talvez isso foi muito desagradável para muitas pessoas. [...] No momento a minha mãe não tinha [...] reações. [...] Porque nunca tinha acontecido isso em casa e ela ficou no quarto desesperada. Então, quando chegaram, alguém que conheceram, essas pessoas foram muito hostis, muito brutas em dizer:

- Não, leva de qualquer jeito!

- É, é um ladrão!

Você tá entendendo? Alguém sugeriu: podia vir até arrastano, e então pegaram, pegaram acho que foi um pau, uma coisa lá e impediram as duas mãos e os pés e trouxeram ele impedido. Quer dizer: ninguém, ninguém teve ação de pedir uma rede e nem ninguém teve ação de oferecer uma rede aqui na rua, na nossa rua, e cheio de gente. Foi a vinda cruel? Foi, né. Foi desagradável, não é? Talvez, foi até desumano, né. Mas, naquele momento, foi motivado por muita gente [...] não que a pessoa ia ceder por isso também, não é? Mas foi por muita gente: que não precisava, que podia trazer de qualquer jeito, era um ladrão! [...] Inclusive o pessoal do seu, na época o pai do Antonio Glória, seu Glória, acho que ele tomava parte de alguma função de justiça. Ele mesmo foi o próprio a dizer:

- Não, leva de qualquer jeito, é o João das Pedras. Todo mundo tinha vontade que esse cara morresse, que desse um fim a ele.

Quer dizer [...] essa ação do povo, apesar de desumana, mas foi aplauso³³.

Não há nomes. E, portanto, a possibilidade de apontar quem foram as pessoas que o colocaram num varão de madeira foi descartada. De onde surgiu tal condução também é um questionamento que carece de resposta. Tudo surge do nada. O silêncio nos induz a crer que essas pessoas permanecem vivas em São Benedito.

O cortejo percorreu o bairro do Cruzeiro, encaminhado por toda a reta compreendida no trajeto da Rodovia da Confiança Sul, curvando-se na rua Cel. Tibúrcio, que se avista logo no início da curva a igreja Matriz de São Benedito. O corpo segue até a esquina da rua Deputado Vicente Ribeiro, onde hoje nessa mesma esquina abriga o Cartório do 1º Ofício, onde aqui foi deixado.

Pude observar que, mesmo sem serem perguntadas, é este o assunto central das narrativas, apresentando-se sempre com a linguagem semelhante, que compara João a um animal, especificamente um porco. Neste prisma, João é sempre o humano, o cristão que é reduzido pelo tratamento à condição de animal irracional. A senhora Maria da Conceição Lopes traz, em sua entrevista, a figura do cristão mais respeitado na cidade, o então pároco Otalício Carneiro,

³³ RODRIGUES, João Batista.

que entra em defesa do ladrão. Não é indicado em que momento o padre surge para reclamar como João fora tratado:

Trouxeram de lá como quem traz assim um bicho bruto. Butaram um pau, amarraram os pés dele assim e as mãos e o corpo dele assim impindurado, como quem traz assim um bicho bruto. Até o monsenhor reclamou. O monsenhor morava ali naquela casa que o padre Antonio mora. Ele reclamou. Não era para fazer aquilo ali, não, que aquilo ali, ele era um, ele era filho de Deus, ele era humano. Ruindade, foi ruindade³⁴.

O ladrão não está no meio da sociedade, mas contra a ordem desta: invadindo a casa, roubando o que é do outro. Uma trajetória imprópria para um sujeito alvo de devoção. Entretanto, João era o ladrão dos pobres, assegura a senhora Francisca das Chagas:

O povo diz que ele era assim um ladrão muito perigoso, mas eu já assim não achava, não, que eu nunca ouvi dizer que ele matasse ninguém. Diz que ele fazia era muita caridade, diz que roubava de quem tinha e dava a quem não tinha. Se ele chegasse numa casa, aí entrava [...] num tinha nada na casa, aí ele ia nas lojas, chegava lá, tirava cuberta, pegava aqueles panos velho que a pessoa tinha e jogava tudo fora [...] Ele fazia muita caridade³⁵.

O impacto do choque no corpo de João das Pedras teria queimado e tornado em carvão seus delitos e toda sua vida pregressa, o réu ladrão deveras se arrependeu de tudo o que fizera. O fio e o choque propiciaram também vestir João das Pedras pelas vestes do sobrenatural. O fio que o matou foi o símbolo que o salvou³⁶. A remissão dos pecados cometidos, a alma de João alcançando a salvação pelo reconhecimento dos erros e pela compreensão de que na hora da morte nada mais lhe restava, a não ser pedir perdão arrependendo-se. O arrependimento parece surgir apenas no instante derradeiro, na morte. É desse modo, o coração e a mente arrependidos de todos os males que salvam e

³⁴ LOPES, Maria da Conceição.

³⁵ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública. Residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

³⁶ Oscar Calavia Sáez traz, no fim de seu livro, a morte de Jandira dos Santos, que ateou fogo a sua roupa em 23 de agosto de 1934, em Campinas, SP – a prostituta que decidiu dar cabo da própria vida por ter sido abandonada e desprezada por um amor. Após sua morte, a prostituta obra milagres e é considerada santa popular, cultuada por prostitutas, entre outros segmentos da sociedade de Campinas, sensibilizados pelo abandono de que fora vítima e a forma como Jandira veio a falecer. O autor defende que o fogo que a queimou e causou sua morte, atrelada a outros fatores, salva-a, torna-a santa, diante dos olhos horrorizados que vislumbraram o acontecido: “A morte entre labaredas é assim uma espécie de ritual que converte Jandira a uma deusa local, e sugere sua proximidade e magias ilegítimas. Nada melhor do que o fogo para vestir uma prostituta sobrenatural” (SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmal falados**: Mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 187). Na morte de João das Pedras, o choque se reveste de fogo em forma de cargas elétricas despachadas ao ladrão.

dignificam a alma, é o momento da reflexão final, onde o olhar se volta para o passado e erros cometidos.

No *Auto da Compadecida*, precisamente no julgamento entre Jesus e o Diabo, a mãe de Jesus é clamada por João Grilo para socorrê-los. E foi o arrependimento de todos na hora da morte que a *Compadecida* utilizou como argumento e conseguiu salvar o bispo, o padre, o cangaceiro e o casal formado pelo padeiro e pela mulher adúltera³⁷.

João das Pedras fora sepultado nos fins da tarde de 4 de abril de 1978, no cemitério de São Benedito. O pedaço de chão que recebeu o corpo de João das Pedras fora doado por um primo de sua mãe, Maria Ferreira. A cova não recebera nenhum aparato, além de uma cruz preta de madeira. Faltavam inscrições que datassem seu nascimento e morte, não havia qualquer fotografia. Apenas as rosas trazidas pelas mãos de alguns que acompanharam seu cortejo foram ali despejadas e arrefeceram. A família de João das Pedras não pretendia erigir nenhum mausoléu ou túmulo. O dinheiro para as necessidades de sobrevivência impedia de modificar a situação da cova. A transformação é feita de forma sigilosa.

Em torno da construção do túmulo, um enigma: quem teria ordenado a construção? E não é apenas a mãe do falecido que se questiona a esse respeito. Cogitam-se, na cidade, diversos nomes. Uns afirmam que teria sido a esposa de um candidato a prefeito nas eleições de 1988 em São Benedito, que nas vésperas da eleição teria pedido para o esposo ser eleito.

A potência da construção reside não em sua transformação de cova a túmulo, mas em sublinhar que a modificação ocorre como um pagamento de promessa aos olhos de todos. O segredo incita diversas hipóteses de quem seria a concessora, seduzindo e aguçando a curiosidade pelo não-dito. A cada dia de finados, em torno do jazigo, comenta-se: “Sabe quem foi que construiu o túmulo do finado João? Uma devota que alcançou uma graça muito poderosa”. Essa frase ouvi de diversas formas, sempre com o mesmo sentido: o milagre foi grande porque também foi visível o tamanho de seu pagamento.

Em fevereiro de 2003 fotografei o túmulo de João das Pedras pela primeira vez. A cerâmica quase totalmente escondida pela presença das marcas negras da fumaça das velas. Continha alguns ex-votos, que se amontoavam desordenadamente, na maioria madeiras em forma de braços, cabeças, mãos, pés, coroas de flores, além de garrafas com água, imagens de santos, terços. A

³⁷ Assim fala a Compadecida: “Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene”, adiante a santa mulher, ressaltando que o casal deveria ser salvo: “O perdão que o marido deu à mulher na hora da morte, abraçando-se com ela para morrerem juntos” (SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Ilustrações de Romero de Andrade Lima. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 148-150).

falta de identificação do defunto prevalecia. A cruz preta na cabeceira tumular. O túmulo de João das Pedras fica precisamente do lado esquerdo, seguindo ao lado da capela de São Miguel, no cemitério de São Benedito.

A mudança de cova para túmulo também contribuiu para a propagação da imagem do milagreiro. O túmulo pode não ter sido o primeiro pagamento, nem necessariamente aponta a primeira graça alcançada, mas é o pagamento maior aos olhos de muitos; é a este lugar que se referenciam quando se menciona a devoção. O culto a João das Pedras é recebido em outro espaço público e ele, ladrão-santo, fica exposto ao público quando é vislumbrado pelos portões do cemitério de São Benedito. Espaço público por ser de todos, dos vivos e de mortos, lugar onde são permitidas todas as práticas religiosas, sincréticas ou não, como definiu Oscar Calavia Sáez ao comentar que este seja “talvez o espaço mais indistinto e promíscuo da grande cidade brasileira”³⁸.

Quem adentra este recinto percebe, mesmo que de longe, as chamas ao redor do túmulo, dando a impressão de um jazigo que queima pelas velas e pelas práticas de fé. São os milagres, salienta a senhora Francisca das Chagas: “Lá no túmulo dele tem tanto milagre. Quando é dia de finado, acende tanta vela, quero que você veja. Onde se acende mais vela é lá, acende mais lá do que na igreja”³⁹.

Desde que João das Pedras fora para o mundo dos mortos e que fora recebido pelos devotos no mundo das graças, recebeu a identidade de morto mais visitado e que mais recebe velas em todo o cemitério. Não é necessário ter feito alguma promessa ou crer nos poderes do santo para identificar seu primado no cemitério de São Benedito. A senhora Francisca Muniz e o seu compadre José do Vale nunca fizeram promessa com o santo: indo anualmente à morada eterna para velar seus mortos, construíram uma imagem sagrada diante do sepulcro do ladrão:

Sra. Francisca Muniz: [...] Aqui em São Benedito, o pessoal alcança muitos milagre com ele. Eu quero que você veja o túmulo dele, dia de finados as velas correm do túmulo para o chão. Muitos milagres mesmo⁴⁰.

Sr. José do Vale: Sabe, dia de finado, no cemitério, a cova dele lá, eu quero que você veja, é vela pra todo lado. Na cova dele é muita gente que vem aí de fora, que não é nem parente e bota vela e vem visitar. E por isso que eu digo que ele é [...]⁴¹.

³⁸ SÁEZ, op. cit. p. 79.

³⁹ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública. Residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

⁴⁰ NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos, aposentada, residente na rua Deputado Vicente Ribeiro, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, em sua residência.

⁴¹ VALE, José Rodrigues do. 73 anos. Agricultor. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na residência de sua comadre Francisca Muniz do Nascimento.

O padre João Batista acredita que os sujeitos que cultuam o ladrão estão desprovidos de critérios para avaliar, e, por conseguinte, não conseguem rejeitar “esse tipo de fé”, afirmando que “quem está na dificuldade ou no conflito, tá buscando qualquer opção, qualquer coisa, né?!”. Mesmo no descrédito, o sacerdote admite “E fazem e às vezes é atendido e mandam celebrar missa e pronto”. Deste modo, a biografia do santo é critério de avaliação e de credibilidade para a fé e a devoção. Um discernimento que deve, aos olhos do sacerdote, anteceder a fé do devoto nos poderes milagrosos da divindade. Acreditando não julgar, o padre julga o santo-ladrão. De fato, contesta-se a legitimidade; mas não, enfim, a eficiência do santo João das Pedras. (SÁEZ, op. cit. p. 132).

Precisamente, não é necessário ser padre para utilizar a trajetória de furtos de João de maneira a desvirtuar sua imagem de concessor. O senhor Joaquim Crescença também faz uso desse passado para reprovar o milagreiro: “Deus que me perdoe eu dizer, mas eu não acredito que uma pessoa assim do jeito que ele vivia e fazia obrar milagre assim tão ligeiro, não. Pode até acontecer, que eu não sei do coração de ninguém, mas eu não acreditava”⁴².

Maria Ferreira de Souza disse que não fazer promessa com João das Pedras não significa desacreditar no poder do santo e nas graças alcançadas por outros. Contudo, o alcance da graça está vinculado com a fé do devoto:

Michelle: A senhora já fez promessa com o João?

Maria: Eu nunca fiz, nunca precisou. Mas eu nunca fiz promessa. [...] Muita gente dizia que ele foi muito sofrido, sofreu muito, era humilhado do povo. Ai pegaram fazer promessa com ele, e muita gente alcança.

Michelle: Com que santo a senhora faz promessa?

Maria: É só com santo mesmo: São Francisco, Nossa Senhora de Fátima. Mas com ele ainda não fiz, não. Ainda não fiz não, não tive intenção de fazer. Promessa com gente assim só se a pessoa tiver fé. Mas até agora não fiz promessa com ele, não. Eu acredito, o povo faz e o povo alcança, e do jeito que lá tem vela e milagre⁴³.

Para Maria Ferreira de Souza, João das Pedras, embora atenda aos pedidos, não é santo, não se comparado a “São Francisco, Nossa Senhora de Fátima”. A senhora entrevistada avalia a santidade de João das Pedras também pela sua biografia de ladrão, embora saliente que: “foi muito sofrido, sofreu muito, era humilhado do povo”. Os critérios da oficialidade de quem pode ou não ser considerado como santo interferiram em sua interpretação, porque no

⁴² CRESCENÇA, Joaquim. 83 anos, aposentado, residente no Sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004. Seu Joaquim foi carcereiro da Delegacia Municipal de São Benedito e acompanhou muitas das prisões de João das Pedras.

⁴³ SOUZA, Maria Ferreira de.

fim João “é gente assim”, gente diferente de santo. Por outro lado, essa questão abre outra discussão: uma alma pode obrar milagre sem necessariamente ser considerada santa?

Em grande parte, o critério de quem cultua o ladrão é a condição de desprovido das providências terrenas vivenciadas pelos devotos: a dificuldade, a dor, o desalento, a necessidade de ter seu problema resolvido ou a crença e a esperança. Francisca das Chagas, acerca do assunto, afirma:

[...] Ele é muito milagroso. Eu já tenho me pegado com ele, às vezes, quando eu tô assim, tenha se passado alguma coisa, eu me pego com ele, peço a ele pra me ajudar, ele me ajuda. Tudo enquanto eu só falo nele, falo primeiro em Deus [...], porque Deus é o mais verdadeiro, né? Agora tem muita gente que não acredita, diz que alma não obra milagre, não sei o quê. Mas eu acredito... Eu rezo pra ele, porque tenho aquela devoção com ele. [...] Ele mesmo, né? Ele fez muita caridade [...]44.

É a crença da devota Francisca das Chagas, que, mesmo diante da descrença dos outros, constitui o culto, tornando-o vivo, presente nos arredores de São Benedito. A devota sabe que João era ladrão:

O povo diz que ele era assim um ladrão muito perigoso, mas eu já assim não achava, não, que eu nunca ouvi dizer que ele matasse ninguém. Diz que ele fazia era muita caridade, diz que roubava de quem tinha e dava a quem não tinha. Se ele chegasse numa casa, aí entrava [...] num tinha nada na casa, aí ele ia nas lojas, chegava lá, tirava cuberta, pegava aqueles panos velho que a pessoa tinha e jogava tudo fora [...] Ele fazia muita caridade45.

Mas a sua biografia de fora-da-lei é substituída ou acrescida por outra mais conveniente: a do milagreiro concessor. Acreditar em João das Pedras como concessor é uma escolha particular, mas a propagação do poder miraculoso percorre o coletivo. E a circulação da alma milagrosa, pouco a pouco, seduz outro necessitado. O santo é aceito no universo do devoto quando a confirmação de suas concessões é ressaltada.

Eu fiz uma promessa que eu tinha meu joelho direito muito inchado. Aí se eu alcançasse as graças, eu mandava fazer um joelho de pau e trazia. E fiquei boa e trouxe, e todos os anos eu venho agradecer. Tá com oito anos, e eu não senti mais. Eu tenho fé nele, que ele foi um menino muito sofredor46.

⁴⁴ ASSIS, Francisca das Chagas.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ GONÇALVES, Francisca das Chagas. 59 anos. Cozinheira do Hospital Municipal de São Benedito. Residente no bairro Vila Franco. Entrevista realizada no Cemitério no dia 02/11/2008.

Quando a terra não oferece alento, o céu se reveste de brandura e calma, apontando possibilidades dos poderes dos santos e de Deus. E o povo clama ao santo de sua estima, buscando apoio, confessando sua confiança no sagrado. A promessa é feita com o santo que concedeu, anteriormente, uma graça a alguém. Os milagres são a apresentação do poder do santo⁴⁷:

É os problemas que a gente tem na vida: falta de dinheiro e de trabalho, saúde a gente consegue, né. Pedindo a ele com fé e a gente consegue. Sempre que eu preciso, eu peço primeiramente a Deus e depois a ele, e a gente consegue, eu e minha família. Ele roubava dos ricos para dar aos pobres. Eu tava precisando de trabalhar e consegui: tô trabalhando. Ficar desempregado é ruim. Todos os anos a gente vem e acende vela para ele⁴⁸.

A confiança surge a partir da comprovação de que um amigo, um vizinho, um familiar também alcançou uma graça com o santo-ladrão, assegura outra Francisca, que é Rodrigues:

Michelle: A senhora fez alguma promessa com o finado João das Pedras?
D. Francisca: Fiz e alcancei. O meu filho vivia paralisado, bem dizer. Paralisado que ele não podia trabalhar. Doente da coluna, ele ficou aleijado. Eu me vali da alma dele, abaixo de Deus. Tô contando a história. Só falta eu pagar minha promessa.
Michelle: O que ele sentia?
D. Francisca: Era só a dor nas costas, com a dor na perna muito grande. A perna dele, o povo diz até que aquela... – como é, meu Deus? – não tem aquela coisa que era a coluna de, de não tem, não o sei que disco?
Michelle: - Hérnia de disco?
D. Francisca: - Sim. Todo mundo diz que era isso. Graças meu bom Deus. Ele passou mais de, de... ele passou um ano doente. Ele nunca foi ao médico, ele não queria ir ao médico. Eu dava assim uns comprimidozinhos a ele da bucha. Ele não queria ir. Aí eu me vali da alma dele e aí fui válida. Graças a Deus, meu filho tá bom e como você viu ele.
Michelle: Ele tinha quantos anos?
D. Francisca: Ele agora tem trinta e pouco.
Michelle: Como é o nome dele?
D. Francisca: É Benedito Rodrigues da Silva.
Michelle: Faz muito tempo que a senhora fez a promessa?
D. Francisca: Tá com um ano, mais dum ano, foi ano passado, né.
Michelle: Hoje em dia ele não sente nada?
D. Francisca: Não. Ele trabalha e tudo, não sente mais nada, não, ele corre, ele pula. E antigamente, e no ano passado, ele não fazia nada disto.
Michelle: - Ele trabalha de quê, dona Francisca?
D. Francisca: Trabalha de enxada, assim. De vez em quando o povo chama ele pra ajudar, assim, trabalho em construção: ele vai, quando

⁴⁷ O poder do santo é vislumbrado pelo milagre e principalmente como este é visto e interpretado pela sociedade que o assiste, como adverte Régis Lopes Ramos: “A crença, portanto, possui uma fundamentação no que é visto, ou melhor, na forma pela qual certos acontecimentos são percebidos” (RAMOS, op. cit. p. 25).

⁴⁸ LIMA, Francisco Augusto. 42 anos. Pedreiro. Residente na rua Irineu Pinto da Silveira. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito no dia 02/11/2008.

tem, né? Mas o pobre véi trabalha mais é de enxada, e é o que prejudica mais, né?

Michelle: E em troca de alcançar a graça, a senhora prometeu o quê?

D. Francisca: O finado João das Pedras? Foi celebrar uma missa e mandar fazer um milagre que é a perna. Aí eu vou mandar celebrar a missa, rezar um terço e soltar uns fogos.

Michelle: Em agradecimento?

D. Francisca: Ave Maria. Foi ele que me valeu na hora, no momento mais que eu tava mais precisando.

Michelle: Mas como foi que a senhora se lembrou de fazer esse voto com ele?

D. Francisca: É porque ele [...] a gente aqui qualquer coisa, a gente se vale dele e é válido. Nós por aqui, todo mundo, todo mundo faz um voto com ele, aí alcança.

Michelle: Você já foi alguma vez ao túmulo dele?

D. Francisca: Eu vou toda segunda-feira, só não fui nessa semana, mas eu vou. Eu vou acender vela, rezar pra ele. Aí vou alcançar outra graça dele pra ele me dar, pra receber um atrasado que eu tenho que receber.

Michelle: A senhora já pagou a graça que fez a ele?

D. Francisca: Ainda não. Vou pagar. Qualquer dia, não sei o dia. O dia que eu tiver dinheiro, aí eu vou pagar⁴⁹.

A graça alcançada é diversa, desde um caso de saúde ao recebimento de um dinheiro esperado. João das Pedras é, para Francisca das Chagas, o santo de “todo mundo”, de todos do seu mundo, dos desvalidos que trazem como a maior e talvez a única riqueza, a fé. O santo-ladrão é o santo da principal causa: a da necessidade do devoto. A crença, nesse sentido, é afirmada quando seu filho passa a fazer tarefas que antes não fazia, por ter ficado bom, sem seqüela, sendo João o remédio a proporcionar o efeito ansiado.

O pagamento é prometido com ares de celebração. Os fogos são a glória dada aos céus e ao santo João das Pedras pela cura. A missa intencionada se junta com a feitura do “milagre que é a perna”, a dívida deverá ser paga na igreja e no cemitério. O concessor é nestes dois lugares afirmado como milagreiro. As intenções, tanto quanto os ex-votos expostos no túmulo de João das Pedras, sustentam o culto. A primeira impõe, pelo sentido da audição, a feitura do ladrão feito santo. Os ex-votos seduzem pelo vislumbre do olhar. O santo é construído pela fé, tanto quanto pelos sentidos.

A intenção custa dois reais; parece pouco, mas é muito para quem vive de pouco. E a promessa nem sempre é de imediato paga quando o pedido é concedido. A Francisca Rodrigues resta acender velas e rezar no túmulo de João, cultivando a compreensão do santo, para não castigá-la pela demora do pagamento.

⁴⁹ SILVA, Francisca Rodrigues da. 73 anos. Aposentada. Residente na rua Ministro Antonio Coelho, em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 25/02/2005.

As celebrações como pagamento de promessa não são recebidas exclusivamente a João das Pedras. Marília Schneider, estudando a devoção ao Menino Antoninho em São Paulo, afirma que as formas de pagamento ao menino que morreu tuberculoso em 21 de dezembro de 1918 podem ser especificadas, “entre as quais as mais comuns são: mandar publicar ou comunicar a graça, acender velas no túmulo do santinho ou visitar seu túmulo, mandar rezar missa para o mesmo [...]”. (SCHNEIDER, op. cit. p. 87).

No início desta análise, observamos que a mãe de João das Pedras não lhe dedica intenções. Isso, porém, não significa uma atitude seguida por toda a sua família. Raimunda Marques reconhece o poder divino do irmão: o santo de casa, para ela, fez milagre:

Michelle: E essa devoção que o pessoal tem com ele?

Raimunda: Eu mesmo aqui, eu tenho essa moça bem aqui da roupa branca aqui. Ela era aleijada dos dois pés. Quando eu tive ela, quando eu butava ela em pezinha, assim, a bichinha ficava com as palminha do pé era assim. Eu começava a chorar ali em riba da cama, eu enrolava uns pano nos pé dela, porque o povo dizia que era bom. Eu começava a chorar em riba da cama. Dizia assim: Ô, meu Deus, quando minha filha crescer, o povo vão mangar dela, porque ela é aleijada. Aí eu fiz um voto com ele, se a minha filha ajeitasse os pé, eu mandava dizer uma missa pra ele no Juazeiro. Aí não foi uns cinco mês, aí eu butano uns panim, aquele negócio nas juntas dos pés dela, aí foi... ela ficou normal dos pés. Aí já foi uma graça de Deus que eu alcancei.

Michelle: Você foi pra Juazeiro?

Raimunda: Fui não. Mandeí uma velhinha que morava bem aqui dizer a missa pra ele, lá. E já faz uns dez anos. Eu disse assim:

- Dona Jarda, a senhora faz um favor pra mim?

- Diga, minha filha.

- É que eu fiz voto com meu irmão, finado João das Pedras, pra me mandar dizer uma missa pra ele, no Juazeiro.

Aí ela levou, parece que foi dois tões, daqueles conto antigo ainda. Aí ela levou [...].⁵⁰

O voto de Raimunda é pago ao irmão santo, no espaço de um santo maior, o padre Cícero. De fato, para os devotos, João não é somente um cristão, como havia sugerido o padre João Batista. No imaginário dos devotos, *o finado* obra milagre. As intenções ajuntam-se nas agendas e nas homilias, construindo, além da imagem do santo, a imagem do devoto que transmuta uma prática do catolicismo oficial, destinando-a ao culto popular a um ladrão. As intenções, configuradas num pagamento acessível para o pobre que pouco tem para oferecer, anunciam a proximidade, a identificação do devoto com a imagem do santo-ladrão.

Intenções que também se apresentam longe dos arredores de São Benedito. Assim foi em Canindé, Ceará: “No dia 21 de outubro desse ano durante a missa, falaram uma missa em homenagem ao finado João das Pedras

⁵⁰ MARQUES, Raimunda. Agricultora. Casada. Irmã de João das Pedras. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Baixa Grande, no dia 12/02/2004.

que tinha alcançado uma graça, foi celebrada a missa para ele na basílica de São Francisco. Eu conheço muita gente que fez promessa com ele e alcançou”⁵¹.

Com a abordagem construída até o presente instante, observamos que as intenções são multifacetadas. As interpretações múltiplas se cruzam na mesma direção, a da necessidade de assegurar uma vida mais digna, saudável e feliz: física e financeiramente. Manter ou melhorar a saúde, a conquista do emprego, do amor, o pagamento ou recebimento de dívidas, a busca de soluções para que as desavenças sejam perdoadas, achar objetos perdidos, adquirir bens.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Kesia Cristina França. **O santo do purgatório**. A transformação mítica do cangaceiro Jararaca em herói. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. p. 71.

BRANDÃO, José Hudson. **São Benedito**: dos tabajaras ao terceiro milênio. Fortaleza: Premius; Livro Técnico, 2002. p. 25.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1993. p. 224.

FURTADO, Maria Stella. **História geral e política de São Benedito**. Sobral: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005. p. 167.

GINZBURG, Carlo. Distância e perspectiva. Duas metáforas. In: **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 179.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betania Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 135.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória. O massacre das Fossas Ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. Trad. Leandro José Nunes. **História e Perspectivas**, Uberlândia, N° 25 e 26, 2002. p.12-22.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Unijuí, 1998. p. 57.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 92, 95, 218, 219.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. Ilustrações Maria Luiza Ferguson. São Paulo: Scipione. 10ª Edição, 1996.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasma falado**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: E. Unicamp, 1996. p. 88.

SCHNEIDER, Marília. **Memória e história** (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001. p. 108-109.

⁵¹ LOPES, Lucineide Matos. 41 anos. Feirante do Mercado Municipal. Residente no bairro do Chora. Entrevista realizada no Cemitério no dia 02/11/2008.